



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição 8 matérias

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, segunda-feira, 28 de fevereiro de 2011

A CRITICA Suframa não responde bem aos desafios.....	1
VEICULAÇÃO LOCAL	
A CRITICA Incentivos fiscais têm cada vez menos peso.....	2
VEICULAÇÃO LOCAL	
A CRITICA MCT investirá R\$ 80 milhões ao CBA, nem a Suframa sabe como irá acontecer	3
VEICULAÇÃO LOCAL	
VALOR ECONÔMICO DESACELERAÇÃO TEM RITMO DESIGUAL ENTRE OS SETORES	4
VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR Desaceleração começa, mas dimensão é incerta	6
VEICULAÇÃO NACIONAL	
BRASIL ECONÔMICO-SP INVESTIMENTOS PODEM ATINGIR R\$ 3,3 TRI ATÉ 2014	8
VEICULAÇÃO NACIONAL	
BRASIL ECONÔMICO-SP MERCADO INTERNO É O MOTOR DO INVESTIMENTO, DIZ BNDES.....	10
VEICULAÇÃO NACIONAL	
PORTAL APUÍ Zona Franca - PT e PMDB disputam o comando da Suframa	11
VEICULAÇÃO NACIONAL	

	VEÍCULO A CRITICA	EDITORIA	
	TÍTULO Suframa não responde bem aos desafios		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO LOCAL

Para o presidente da (Fieam), Antônio Silva, é preciso primeiro diferenciar a Sudamoc da Sudam e caso a Suframa fosse transformada deveria chamar-se Agência de Desenvolvimento da Amazônia Ocidental (Adamoc).

Manaus, 28 de Fevereiro de 2011

A transformação da **Suframa** na eventual Sudamoc divide opiniões. Para uns a proposta é interessante, mas a futura **Superintendência** deveria ser uma agência de **desenvolvimento**, um órgão com autonomia administrativa e financeira e com os recursos provenientes do Tesouro Nacional.

Para outro, a mudança não se traduz em avanço para o **desenvolvimento regional**, seria apenas mais uma “engrenagem burocrática”. Para o presidente da Federação das Indústrias do Estado do **Amazonas (Fieam)**, Antônio Silva, é preciso primeiro diferenciar a Sudamoc da Sudam e caso a **Suframa** fosse transformada deveria chamar-se Agência de **Desenvolvimento da Amazônia Ocidental (Adamoc)**.

Depois, segundo Silva, a entidade seria favorável a transformação se o novo órgão tivesse autonomia administrativa e financeira, tal como foi concebida a **Suframa** no Decreto-Lei nº 288/1967 e depois desvirtuado com as alterações que se processaram ao longo de sua atribulada existência.

O deputado Federal Pauderney Avelino (DEM) ressalta que a **Suframa** já é uma agência de **desenvolvimento subregional**. Para ele, a criação da Sudamoc seria interessante se os recursos viessem da fonte do Tesouro.

“Já estou trabalhando uma proposta de fazer com que o conselho da **Suframa** possa também gerir as questões de Imposto de Renda, que hoje só o conselho da Sudam tem essa atribuição criando aqui, também, essa prerrogativa de fazer ação pelo Imposto de Renda”, contou.

“Isso iria se completar nessa agência de **desenvolvimento regional**, onde poderíamos fazer **desenvolvimento** com recursos do Tesouro e taxas da **Suframa** para manutenção e ampliação do **Distrito Industrial de Manaus**”, completou.

Para o administrador e autor do livro “**Amazônia** (in) sustentável: **Zona Franca** de **Manaus**, estudo e análise”,

Deusamir Pereira, esse tipo de mudança é coisa do patrimonialismo luzitano de D. Pedro, em que se pensava o **desenvolvimento** como mão única de um Estado Imperial.

“Sabemos que o **desenvolvimento** deve ter o Estado como indutor, o articulador, o formulador de políticas públicas em consonância com a sociedade e o **mercado**; é um tripé.

Fora desse novo paradigma é andar para trás, terá o País inteiro contra e nos chamando de, para usar um termo do Márcio Souza, de lezo”, disse Pereira, doutor em biotecnologia.

Outro paradigma

Deusamir Pereira destaca, ainda, que em tempos de competição e competitividade global exige-se um choque de gestão e de visão do **desenvolvimento** para essa realidade, o que implica em tornar os órgãos públicos enxutos, eficientes e eficazes, devidamente focados no cumprimento de seus objetivos.

Para ele, isso não tem a ver com a criação de “novas engrenagens burocráticas”, trocar nomes, estruturas.

“Isso é miopia, é confundir o foco das deficiências verdadeiras de nosso ausente processo de **desenvolvimento regional**, haja vista que o único projeto de **desenvolvimento regional** é a **ZFM** que sofreu um processo de obsolescência estrutural que precisa urgente ser corrigido”.

Antônio Silva lembra que a Sudamoc acarretaria outras atribuições inerentes a um órgão de **desenvolvimento**. Para ele teria de haver uma reformulação e redirecionamento das suas atribuições, passando a desempenhar na **Amazônia Ocidental** o mesmo papel que a Sudam desempenha para o resto da **Amazônia Legal**.

Por outro lado, segundo Antônio Silva, teria também que ser delimitada a área de atuação da Sudam, de forma que não houvesse conflito de interesses.

Procurada, a **Superintendente** da **Suframa**, **Flávia Grosso**, informou, via assessoria de imprensa, que não está em discussão em âmbito governamental a criação de uma outra **Superintendência** para tratar do **desenvolvimento regional**. “Assim, ficaria difícil discutir o assunto com base apenas em suposições do que poderia vir a ser este outro órgão”.

	VEÍCULO A CRÍTICA	EDITORIA	
	TÍTULO Incentivos fiscais têm cada vez menos peso		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO LOCAL	

Hoje, segundo estudos da Controle Consultoria, essa vantagem média não passa de 56%.

Manaus, 28 de Fevereiro de 2011

O principal problema jurídico tributário da **Zona Franca** de **Manaus** é a falta de um ordenamento jurídico sólido, livre de questionamentos. Isso tem permitido o enfraquecimento paulatino da força dos incentivos fiscais, único e exclusivo fator para atração de investimentos.

Não há estudos sobre qual era a vantagem tributária de se instalar no Polo Industrial de **Manaus** quando as primeiras fábricas começaram a chegar na década de 70, mas especialistas calculam algo próximo a 70%, em média.

Hoje, segundo estudos da Controle Consultoria, essa vantagem média não passa de 56%.

Isso significa que empresas que se instalam na **Zona Franca** pagam 56% menos tributo do que se tivessem se instalado em São Paulo, por exemplo.

Por conta de peculiaridades de cada atividade industrial e de aspectos da legislação, essa vantagem tributária varia de setor para setor. O polo de eletroeletrônicos, por exemplo, conta com 58% de vantagem; o de duas rodas, 65%; já o setor de informática, apenas 27%.

“Não é à toa que praticamente todas as fábricas de motocicletas estão no **Amazonas**. Por outro lado, o setor de informática, que conta com vantagem menor, encontra-se bastante reduzido”, argumenta o economista José Laredo, diretor da Controle Consultoria.

O estudo do economista mostra que, para atrair investimentos para a **Zona Franca**, a vantagem tributária em

cada setor precisa atingir um patamar mínimo para compensar despesas adicionais que as empresas terão com transporte, energia, comunicações e outros fatores.

No caso do setor de informática, a vantagem tributária não foi suficiente para manter a competitividade e as fábricas debandaram a partir dos anos 90.

O auditor fiscal Ernesto dos Santos Chaves da Rocha salienta que, hoje, o diferencial tributário da **Zona Franca** depende, fundamentalmente, do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e do Imposto de **Importação** (II).

Esses impostos têm alíquotas muito altas no restante do País, o que torna as isenções do **Amazonas** muito atrativas. “O **ICMS**, outro tributo que compõe nossa cesta de incentivos, é objeto de guerra fiscal entre os Estados”, ressalta.

E o enfraquecimento continua em processo. No início de fevereiro, o IPI, apontado por Ernesto Rocha como fundamental para a competitividade do modelo, sofreu um sério ataque.

O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que as empresas de outros Estados que comprem componentes na **Zona Franca** não têm direito a créditos de IPI.

O economista Serafim Correa explica que, com isso, as fábricas de componentes de **Manaus** que forneciam para outros Estados perdem **importantes** clientes. E pior: a decisão abre o risco de se questionar os créditos de **ICMS**.

	VEÍCULO A CRITICA	EDITORIA	
	TÍTULO MCT investirá R\$ 80 milhões ao <u>CBA</u>, nem a <u>Suframa</u> sabe como irá acontecer		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO LOCAL	

A informação é do Superintendente adjunto de Planejamento e Desenvolvimento Regional da Suframa, Elilde Mota de Menezes, que também é coordenador do CBA.

Manaus, 28 de Fevereiro de 2011

Elilde Mota de Menezes coordena o Centro de Biotecnologia da Amazônia

O CBA depende do Governo Federal, que discute, atualmente, a criação de uma empresa pública para dar autonomia jurídica e operacional o que caracterizaria seu papel estratégico. A informação é do Superintendente adjunto de Planejamento e Desenvolvimento Regional da Suframa, Elilde Mota de Menezes, que também é coordenador do CBA.

Segundo ele, embora o ministro de Ciência e Tecnologia, Alizio Mercadante, em janeiro, ao visitar o Amazonas, prometera agilizar o definição da personalidade jurídica do CBA e investimento de R\$ 80 milhões para o Centro, dos quais R\$ 40 milhões só em equipamentos, a Suframa, gestora do CBA, ainda não foi consultada de como isso irá se concretizar.

CT-PIM

O CT-PIM experimentará o que hoje se vê no CBA? O tempo dirá. Orçado em R\$ 30 milhões, o parque tecnológico só possui, por enquanto, R\$ 2,5 milhões.

As obras começam este ano e devem ser concluídas em 2018. “Antes do início da construção do empreendimento, estão sendo executadas ações de formação, treinamento e geração de capital intelectual”, explicou o diretor executivo do CT-PIM, professor Wesley Alves Pereira.

O objetivo do Centro é criar uma base de gestão que possibilite a geração e transferência de tecnologia avançada e sua utilização estratégica.

“O que precisamos é de dinheiro, apresentado pelos fundos setoriais. Esbarramos na dificuldade de captação e no

contingenciamento de recursos da Suframa pelo Governo Federal”, disse o diretor do órgão.

Na avaliação do presidente da Associação das Indústrias e Empresas de Serviços do Amazonas (Aficam), Cristóvão Marques Pinto, enquanto não houver vontade política a questão dos centros de pesquisa não avançará. “Falta verba para material e mão-de-obra. Também há muita coisa para se fazer pelo interior, mas a Suframa padece com o bloqueio de suas verbas pelo Governo Federal”, ressaltou. “Importação é muito alta e compra no mercado local é baixa”, completou.

Cristóvão acredita que é necessário uma maior mobilização da bancada parlamentar em Brasília para liberar emendas do orçamento que fomentem a estrutura dos órgãos de pesquisa regionais.

Isolado das universidades

Membro da Academia Brasileira de Ciências (ABC), PhD em Química e pesquisador do CBA, Tetsuo Yamane, 79 anos, disse que a atual condição do órgão é muito delicada, por se encontrar “completamente isolado das universidades e dos demais centros de pesquisa”.

“O CBA tem sido chamado de 'elefante branco', 'anta branca' e outros adjetivos, mostrando o descontentamento da comunidade científica e com muita razão”, ressaltou. Yamane trabalhou na concepção do CBA e diz que o futuro do Centro e da Suframa são assuntos de profunda importância regional e nacional.

“Nossas atividades são restritas porque os equipamentos que temos não podem ser usados”. A situação citada por ele levou no ano passado a comunidade científica da região Amazônica a se manifestar, através de um ofício, à Superintendente da Zona Franca de Manaus, Flávia Grosso.

O documento solicitou a interferência da Suframa na atual administração do órgão, no sentido de possibilitar o acesso dos cientistas aos equipamentos instalados na Central Analítica do CBA.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO DESACELERAÇÃO TEM RITMO DESIGUAL ENTRE OS SETORES		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Sergio Lamucci, João Villaverde e Sérgio Bueno | De São Paulo e Porto Alegre

A economia brasileira desacelerou o ritmo de atividade no primeiro bimestre deste ano, mas a redução no ritmo de crescimento se mostra díspare entre setores. Para alguns economistas, a queda na **produção** e venda de automóveis e na concessão de crédito entre janeiro e dezembro apenas confirmou a desaceleração que começou em 2010. Relatos de alguns empresários sobre o nível de **produção** e encomendas do início de 2011 e o saldo positivo de novos empregos registrado em janeiro, contudo, criam incertezas sobre o grau e a amplitude dessa desaceleração.

Em setores como **produção** de aço, calçados e eletroeletrônicos os resultados ficaram acima do esperado, mas além da queda na **produção** de automóveis, a menor movimentação de carga nas estradas brasileiras, e os resultados do setor de máquinas e de materiais elétricos e eletrônicos sustentam a percepção de que a economia brasileira começou 2011 em um ritmo menor de crescimento.

Parte da explicação pela diferença do ritmo pode estar, justamente, nas medidas de restrição ao crédito adotadas pelo Banco Central, que afetaram principalmente as linhas de longo prazo. Elas ajudam a explicar a queda de 3,6% no licenciamento de automóveis em janeiro e novamente em fevereiro, em séries com ajuste sazonal, e, ao mesmo tempo, podem justificar o aumento das vendas de eletroeletrônicos e de bens de menor valor, como calçados.

No Polo Industrial de **Manaus (PIM)**, a **produção** no primeiro bimestre cresceu em torno de 10% em relação ao mesmo período do ano passado, segundo o assessor econômico da presidência da Federação das Indústrias do Estado do **Amazonas (Fieam)**, Gilmar Freitas. O desempenho, diz, é ligeiramente superior às expectativas para o período. O destaque é o setor de eletroeletrônicos, especialmente televisões de LCD.

Para Freitas o bom momento do **mercado** de trabalho explica esse resultado e a alta de juros e as medidas de restrição ao crédito não afetaram o setor. Em janeiro, o nível de emprego no **PIM** cresceu 0,8% em relação ao mesmo período de 2010.

Após enfrentar um segundo semestre bastante complicado, o desempenho do setor de distribuição de aço melhorou em 2011. O presidente do Inda (o instituto que representa o setor), Carlos Loureiro, estima que as vendas cresceram cerca de 18% no primeiro bimestre. Segundo ele, há uma reconquista do espaço perdido para o produto **importado**. Em 2010, o **importado** respondeu por 24% do consumo aparente, percentual que recuou para 13% em janeiro.

Com a concessão de descontos e alta do produto **importado** a partir de novembro, os fabricantes e distribuidores locais estão retomando **mercado** dos estrangeiros. Loureiro espera para 2011 um crescimento das vendas de 10% - em 2010, a alta foi de 13%. Loureiro diz que os setores de máquinas agrícolas, automobilístico, construção civil têm registrado uma demanda forte. "Só o setor de bens de capital não vai muito bem", afirma ele, preocupado, porém, com o impacto da alta dos juros e dos preços do petróleo sobre a economia.

O fôlego apresentado pela demanda doméstica acelerou as vendas da indústria calçadista no primeiro bimestre. A gaúcha Ramarim já está com pedidos em carteira equivalentes a 60 dias de **produção**, ante a média histórica de 30 a 40 dias nesta época do ano, enquanto a conterrânea West Coast já fechou as vendas até abril, duas semanas mais cedo do que no fim de fevereiro de 2010.

"Com o desemprego baixo e a renda em alta, os lojistas sentem-se seguros para fazer encomendas maiores", disse o diretor administrativo-financeiro da Ramarim, Jakson Wirth. Segundo o diretor da West Coast, Eduardo Schefer, o aperto no crédito imposto pelo Banco Central não atrapalhou o setor, que também está se beneficiando da estabilidade dos custos dos insumos e componentes.

A Ramarim fechou o bimestre com alta de pelo menos 40% nas vendas em relação ao mesmo período de 2010, disse Wirth. Para o acumulado do ano, ele prevê uma **produção** de até 11 milhões de pares, equivalente a uma expansão de 22% sobre 2010 e a praticamente 100% da capacidade instalada da empresa nas três unidades.

Por conta disso, conforme o executivo, a empresa deve iniciar ainda em 2011 a expansão de uma de suas unidades industriais. A fábrica que será ampliada ainda não foi definida, mas o plano é colocar as novas máquinas em operação no máximo em 2012. A Ramarim tem 6 mil funcionários, 1,7 mil dos quais foram contratados em 2010, quando entrou em operação a segunda planta de Jequié.

Na West Coast as vendas do primeiro bimestre cresceram 20% em comparação com o mesmo período do ano passado, para cerca de 360 mil pares, informou Schefer. De acordo com ele, a **produção** anual da empresa, que em 2010 já cresceu 20%, para 2,4 milhões de pares, deve passar para 3 milhões de pares nas quatro fábricas.

Conforme o executivo, neste ano a empresa também vai ampliar a capacidade da fábrica de Sergipe, atualmente de 2,5 mil pares por dia, para 6 mil a 7 mil pares/dia, com um investimento de R\$ 3 milhões. O número total de funcionários também deverá ser ampliado de 1,2 mil para mais de 2 mil, com a maior parte das contratações na fábrica nordestina.

Dois dos principais indicadores da capacidade de investir e crescer da economia, a **produção** de máquinas e equipamentos e a expedição de papelão ondulado, não começaram o ano com o entusiasmo dividido por outros segmentos. Segundo Carlos Pastoriza, diretor da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), a retração de 22% no faturamento entre dezembro e janeiro é sazonal. Para ajudar no desempenho do ano, o setor espera a renovação do Programa de Sustentação do Investimento (PSI), que subsidia a compra de máquinas e com término previsto para o fim de março.

A expedição de papelão também registrou recuo, de 2,8%, entre dezembro e janeiro (sem ajuste), aprofundando a queda de **produção** do setor - foi a terceira queda consecutiva. A expedição de 194,4 toneladas de papelão ondulado no primeiro mês de 2011 foi a menor desde as

189,8 toneladas registradas em fevereiro (mês em que há menos dias úteis) de 2010.

No setor de material elétrico e eletrônico, o resultado do primeiro bimestre tem ficado abaixo das expectativas, ainda que haja crescimento em relação ao mesmo período do ano passado. Segundo o presidente da Abinee (a associação do setor), Humberto Barbato, o faturamento deve ter crescido algo como 6% no período. As empresas ligadas à infraestrutura apresentam um resultado razoável, recebendo um bom volume de encomendas, especialmente nas áreas de telecomunicações e energia elétrica, diz ele. O problema, diz, é que a rentabilidade está muito comprimida pela feroz competição dos produtos **importados**.

No segmento de bens de consumo, as coisas vão um pouco pior, com os consumidores estão um pouco mais retraídos. Barbato diz que a previsão da Abinee para a expansão do faturamento em 2011, hoje em 13%, pode ser revisada para baixo. "O novo número pode ficar abaixo de dois dígitos". Em 2010, houve alta de 11%. Segundo ele, a expectativa do setor é que o emprego fique estável neste ano.

Segundo Fatima Giovanna, diretora de economia da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), a alta da **produção** verificada entre dezembro e janeiro - de 7,8% - foi construída pela retomada operacional do polo petroquímico de Camaçari (BA), desativado em novembro e dezembro. "Mas o apagão do Nordeste vai comprometer o resultado de fevereiro", diz Fatima.

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO Desaceleração começa, mas dimensão é incerta		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

O ritmo de atividade da economia brasileira desacelerou, mas o tamanho da inflexão é incerto. Entre os indicadores de atividade já conhecidos há altos e baixos - na comparação entre janeiro e dezembro com ajuste sazonal caiu a fabricação de automóveis, a expedição de papelão ondulado e a movimentação de cargas nas estradas, mas cresceu a produção de aço, as encomendas de calçados e o emprego.

Desaceleração tem ritmo desigual entre os setores

Sergio Lamucci, João Villaverde e Sérgio Bueno | De São Paulo e Porto Alegre

A economia brasileira desacelerou o ritmo de atividade no primeiro bimestre deste ano, mas a redução no ritmo de crescimento se mostra díspare entre setores. Para alguns economistas, a queda na produção e venda de automóveis e na concessão de crédito entre janeiro e dezembro apenas confirmou a desaceleração que começou em 2010. Relatos de alguns empresários sobre o nível de produção e encomendas do início de 2011 e o saldo positivo de novos empregos registrado em janeiro, contudo, criam incertezas sobre o grau e a amplitude dessa desaceleração.

Em setores como produção de aço, calçados e eletroeletrônicos os resultados ficaram acima do esperado, mas além da queda na produção de automóveis, a menor movimentação de carga nas estradas brasileiras, e os resultados do setor de máquinas e de materiais elétricos e eletrônicos sustentam a percepção de que a economia brasileira começou 2011 em um ritmo menor de crescimento.

Parte da explicação pela diferença do ritmo pode estar, justamente, nas medidas de restrição ao crédito adotadas pelo Banco Central, que afetaram principalmente as linhas de longo prazo. Elas ajudam a explicar a queda de 3,6% no licenciamento de automóveis em janeiro e novamente em fevereiro, em séries com ajuste sazonal, e, ao mesmo tempo, podem justificar o aumento das vendas de eletroeletrônicos e de bens de menor valor, como calçados.

No Polo Industrial de Manaus (PIM), a produção no primeiro bimestre cresceu em torno de 10% em relação ao mesmo período do ano passado, segundo o assessor

econômico da presidência da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam), Gilmar Freitas. O desempenho, diz, é ligeiramente superior às expectativas para o período. O destaque é o setor de eletroeletrônicos, especialmente televisões de LCD. Para Freitas o bom momento do mercado de trabalho explica esse resultado e a alta de juros e as medidas de restrição ao crédito não afetaram o setor. Em janeiro, o nível de emprego no PIM cresceu 0,8% em relação ao mesmo período de 2010.

Após enfrentar um segundo semestre bastante complicado, o desempenho do setor de distribuição de aço melhorou em 2011. O presidente do Inda (o instituto que representa o setor), Carlos Loureiro, estima que as vendas cresceram cerca de 18% no primeiro bimestre. Segundo ele, há uma reconquista do espaço perdido para o produto importado. Em 2010, o importado respondeu por 24% do consumo aparente, percentual que recuou para 13% em janeiro.

Com a concessão de descontos e alta do produto importado a partir de novembro, os fabricantes e distribuidores locais estão retomando mercado dos estrangeiros. Loureiro espera para 2011 um crescimento das vendas de 10% - em 2010, a alta foi de 13%. Loureiro diz que os setores de máquinas agrícolas, automobilístico, construção civil têm registrado uma demanda forte. "Só o setor de bens de capital não vai muito bem", afirma ele, preocupado, porém, com o impacto da alta dos juros e dos preços do petróleo sobre a economia.

O fôlego apresentado pela demanda doméstica acelerou as vendas da indústria calçadista no primeiro bimestre. A gaúcha Ramarim já está com pedidos em carteira equivalentes a 60 dias de produção, ante a média histórica de 30 a 40 dias nesta época do ano, enquanto a conterrânea West Coast já fechou as vendas até abril, duas semanas mais cedo do que no fim de fevereiro de 2010.

"Com o desemprego baixo e a renda em alta, os lojistas sentem-se seguros para fazer encomendas maiores", disse o diretor administrativo-financeiro da Ramarim, Jakson Wirth. Segundo o diretor da West Coast, Eduardo Schefer, o aperto no crédito imposto pelo Banco Central não atrapalhou

o setor, que também está se beneficiando da estabilidade dos custos dos insumos e componentes.

A Ramarim fechou o bimestre com alta de pelo menos 40% nas vendas em relação ao mesmo período de 2010, disse Wirth. Para o acumulado do ano, ele prevê uma **produção** de até 11 milhões de pares, equivalente a uma expansão de 22% sobre 2010 e a praticamente 100% da capacidade instalada da empresa nas três unidades.

Por conta disso, conforme o executivo, a empresa deve iniciar ainda em 2011 a expansão de uma de suas unidades industriais. A fábrica que será ampliada ainda não foi definida, mas o plano é colocar as novas máquinas em operação no máximo em 2012. A Ramarim tem 6 mil funcionários, 1,7 mil dos quais foram contratados em 2010, quando entrou em operação a segunda planta de Jequié.

Na West Coast as vendas do primeiro bimestre cresceram 20% em comparação com o mesmo período do ano passado, para cerca de 360 mil pares, informou Schefer. De acordo com ele, a **produção** anual da empresa, que em 2010 já cresceu 20%, para 2,4 milhões de pares, deve passar para 3 milhões de pares nas quatro fábricas.

Conforme o executivo, neste ano a empresa também vai ampliar a capacidade da fábrica de Sergipe, atualmente de 2,5 mil pares por dia, para 6 mil a 7 mil pares/dia, com um investimento de R\$ 3 milhões. O número total de funcionários também deverá ser ampliado de 1,2 mil para mais de 2 mil, com a maior parte das contratações na fábrica nordestina.

Dois dos principais indicadores da capacidade de investir e crescer da economia, a **produção** de máquinas e equipamentos e a expedição de papelão ondulado, não começaram o ano com o entusiasmo dividido por outros segmentos. Segundo Carlos Pastoriza, diretor da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), a retração de 22% no faturamento entre dezembro e janeiro é sazonal. Para ajudar no desempenho do ano, o setor espera

a renovação do Programa de Sustentação do Investimento (PSI), que subsidia a compra de máquinas e com término previsto para o fim de março.

A expedição de papelão também registrou recuo, de 2,8%, entre dezembro e janeiro (sem ajuste), aprofundando a queda de **produção** do setor - foi a terceira queda consecutiva. A expedição de 194,4 toneladas de papelão ondulado no primeiro mês de 2011 foi a menor desde as 189,8 toneladas registradas em fevereiro (mês em que há menos dias úteis) de 2010.

No setor de material elétrico e eletrônico, o resultado do primeiro bimestre tem ficado abaixo das expectativas, ainda que haja crescimento em relação ao mesmo período do ano passado. Segundo o presidente da Abinee (a associação do setor), Humberto Barbato, o faturamento deve ter crescido algo como 6% no período. As empresas ligadas à infraestrutura apresentam um resultado razoável, recebendo um bom volume de encomendas, especialmente nas áreas de telecomunicações e energia elétrica, diz ele. O problema, diz, é que a rentabilidade está muito comprimida pela feroz competição dos produtos **importados**.

No segmento de bens de consumo, as coisas vão um pouco pior, com os consumidores estão um pouco mais retraídos. Barbato diz que a previsão da Abinee para a expansão do faturamento em 2011, hoje em 13%, pode ser revisada para baixo. "O novo número pode ficar abaixo de dois dígitos". Em 2010, houve alta de 11%. Segundo ele, a expectativa do setor é que o emprego fique estável neste ano.

Segundo Fatima Giovanna, diretora de economia da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), a alta da **produção** verificada entre dezembro e janeiro - de 7,8% - foi construída pela retomada operacional do polo petroquímico de Camaçari (BA), desativado em novembro e dezembro. "Mas o apagão do Nordeste vai comprometer o resultado de fevereiro", diz Fatima.

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO INVESTIMENTOS PODEM ATINGIR R\$ 3,3 TRI ATÉ 2014		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

BNDES mapeia ao menos R\$ 1,6 trilhão, mas admite patamar superior; participação dos aportes no PIB deve superar 22%

Ricardo Rego Monteiro, do Rio monteiro@brasileconomico.com.br Embora a crise no mundo arabe ameace a ainda fragil recuperacaomundial, o Banco Nacional de **Desenvolvimento** Economico e Social (**BNDES**) mapeou um volume de investimento de R\$ 1,6 trilhao no **Brasil** entre este ano e 2014, somando capital externo e nacional. Pesquisadores da instituicao admitem que o total de projetos de infraestrutura, industria e construcao civil pode elevar esse montante para R\$ 3,3 trilhoes no mesmo periodo, o que representaria o maior ciclo de investimentos desde a decada de 1970. Tamanho volume de recursos, segundo o **BNDES**, devera contribuir para o pais elevar, ate 2014, a taxa de investimento dos atuais 19% para mais de 22% do Produto Interno Bruto (**PIB**).

Superintendente da Area de pesquisa Economica do **BNDES**, Ernani Torres Filho afirma que tal cenario so nao se confirmara caso ocorra um recrudescimento - para ele, pouco provavel - das turbulencias nos paises do Oriente Medio e do norte da Africa. "A crise de 2008 foi um fenomeno muito raro, motivado por umcenario de panico, geralmente ligado a entrada e saida de guerras", minimizou.

Embora tenha evitado prognosticos quanto aos efeitos da crise arabe nos rumos do **mercado**mundial de petroleo, o economista rojeta, para os proximos anos, umcrescimento global puxado principalmente pelos emergentes. Estados Unidos e Uniao Europeia, em contraste, deverao permanecer com taxas maismodestas de **PIB**.

Gargalo dos juros

No Brasil, Torres projeta que o **BNDES** devera permanecer, nos proximos anos, como o grande financiador do crescimento brasileiro, apesar das medidas do governo para estimular prazos de financiamento mais longos dos bancos privados. Com tanto dinheiro em jogo e a maior taxa de juro domundo, diz, cabera ao banco de fomento a tarefa de suprir a maior parte da demanda por credito para bancar o volume de investimentos.

Para o executivo, maior participacao dos bancos privados so vira quando a taxa basica de juros, a Selic, cair para patamar de um digito, e por la permanecer por pelo menos quatro anos. "O **Brasil** esta no limiar de umboom do crescimento do credito de longo prazo", projeta Torres. "Tudo vai depender da retomada da trajetoria de queda da taxa Selic, quando a inflacao der sinais de tregua. Estimo de dois a quatro anos para isso acontecer".

Distribuicao

Os setores de petroleo, energia eletrica e construcao civil deverao responder pela fatia principal (R\$ 1,22 trilhao) do total dos investimentos no periodo. Encabecados pela Petrobras, os investimentos da area petrolifera deverao alcancar R\$ 378 bilhoes entre 2011 e 2014. Ja os de energia, demandarao outros R\$ 139 bilhoes, enquanto a construcao civil investira R\$ 607 bilhoes, capitaneada por programas como o Minha Casa, Minha Vida e pelas obras para a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olimpicos de 2016.

"O setor de petroleo e gas sera a grande locomotiva da industria brasileira, nos proximos anos, o que representa o grande diferencial em relacao aos anos 1970", projeta Torres. "O maior desafio, no entanto, sera como otimizar os ganhos para a cadeia nacional de fornecedores. Isso precisa ser convertido em

aumento de competitividade tecnologica para a industria brasileira."

O **Superintendente** do **BNDES** tambem exalta o que classificou de bom posicionamento do pais nao so na

area petrolifera, mas tambem na mineral e agricola. Tal fato, diz Torres, representa um dos grandes diferenciais do pais, em termos produtivos, frente ao resto do mundo.

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO MERCADO INTERNO É O MOTOR DO INVESTIMENTO, DIZ BNDDES		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Alexandre Rodrigues - O Estado de S.Paulo

O mapeamento do **BNDDES** reflete a recuperação do investimento na economia após a retração imposta pela crise financeira mundial, mas com um perfil diferente do ciclo intenso de inversões entre 2006 e 2008.

Para Ernani Torres, a recuperação puxada pelo consumo e a incerteza sobre a recuperação mais lenta da economia mundial direcionaram o vetor do investimento para o **mercado** interno.

"Não acho que a crise acabou. Está no **Brasil** e na economia mundial", diz o economista do **BNDDES**. "Os emergentes, que estavam carregando o piano da economia mundial, vão continuar carregando, num cenário de desequilíbrio em que é difícil saber como a conjuntura internacional vai se comportar. O **Brasil** tem condições de crescer 30% a frente da economia mundial nos próximos anos", diz.

Para Torres, a indústria brasileira vai depender cada vez mais de aumento de produtividade, exigindo um tipo de investimento mais intensivo em capital, voltado para a demanda do **mercado** interno, que tem sido socorrida por **importados**. Um exemplo é a indústria química, que se

destacou no estudo do **BNDDES**, com perspectiva de R\$ 40 bilhões em investimentos até 2014.

A cifra representa um crescimento de 78% em relação ao que foi investido entre 2006 e 2009. Projetos como o Complexo Petroquímico do Rio (Comperj), liderado pela Petrobrás, ou os de química verde da Braskem direcionam recursos para o aumento de capacidade e o **desenvolvimento** de tecnologias num setor em que o Brasil hoje depende de **importação** e afeta outras cadeias, como a têxtil.

Pela primeira vez, o **BNDDES** mapeou a indústria de tecidos e confecções e projetou R\$ 12 bilhões em investimentos até 2014. Também focada na demanda interna, a indústria automobilística deve investir R\$ 33 bilhões em quatro anos.

No setor **exportador**, o destaque foi a indústria de papel e celulose, beneficiada pela demanda asiática e pela alta competitividade. Os investimentos devem chegar a R\$ 28 bilhões até 2014.

	VEÍCULO PORTAL APUÍ	EDITORIA	
	TÍTULO Zona Franca - PT e PMDB disputam o comando da <u>Suframa</u>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Manaus - A disputa pelo comando da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) começa a esquentar entre PT e PMDB. O senador João Pedro, presidente estadual do PT, afirmou que o Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Fernando Pimentel, vem a Manaus conhecer o modelo Zona Franca para poder, então, avaliar nomes que poderão assumir o controle da Superintendência.

O PMDB, segundo o portal de notícias IG, articula manutenção de cargos na cota do partido, o que inclui a manutenção da **Superintendente Flávia Grosso** no comando da instituição.

A economista está à frente da autarquia desde 2003, por indicação do ex-governador Eduardo Braga (PMDB). Ela enfrenta uma ação por improbidade administrativa na Justiça Federal, que acatou ação movida pelo **Ministério** Público Federal.

Os números explicam a disputa pelo cargo. A **Suframa** é uma autarquia federal que gerencia a política de incentivos fiscais, concedidos na maioria dos casos a multinacionais e que no ano passado contribuíram para o Polo Industrial de **Manaus** alcançar faturamento recorde de US\$ 35,1 bilhões.

Segundo João Pedro, a vinda do ministro ainda não tem uma data definida. Marcada para acontecer durante a primeira reunião do Conselho de Administração da **Suframa**, foi adiada e só deve ocorrer após o carnaval. A visita de **Pimentel** vai atender a um pedido feito pelo próprio senador do PT e pelo deputado federal Francisco Praciano na primeira reunião entre a bancada do partido no Estado com o novo ministro.

"Nós avaliamos necessário que o ministro, que é novo, venha ao Estado conhecer e conversar com todos os envolvidos no modelo como o governador do Estado, trabalhadores e empresários, para que ele possa construir um pensamento dentro de um novo contexto e aí tomar a sua decisão", defendeu João Pedro.

O senador negou que o partido tenha falado com **Pimentel** sobre nomes para o comando da **Suframa** durante o encontro ocorrido há cerca de três semanas.

Disputa

Desde o início do governo da presidente Dilma Rousseff, a possível saída de **Flávia Grosso** vem gerando especulações sobre quem ocupará o controle do órgão.

Os nomes do ex-prefeito de **Manaus** Serafim Corrêa (PSB) e do atual secretário de Estado da Fazenda, Isper Abraim, foram cogitados para assumir a direção da **Superintendência**. Serafim seria o favorito do PSB, interessado em ganhar espaço no **Governo Federal** para assumir a vaga, mas de acordo com o presidente estadual do partido, Marcelo Serafim, nunca existiu por parte da direção local da sigla o pedido para que um membro do PSB ocupasse a direção da instituição.

Flávia Grosso está em lista de partido

O portal de notícias IG informou, ontem, que as bancadas do PMDB no Senado e na Câmara dos Deputados se uniram para finalizar com o Palácio do Planalto a distribuição de cargos no segundo escalão. O IG informou que teve acesso a uma lista com 20 cargos, fechada com a manutenção de **Flávia Grosso** no comando da **Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa)**.

O portal informou que o PMDB 'anda irritado' com as ações do ministro do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior**, Fernando **Pimentel**, a quem a **Suframa** é subordinada. **Pimentel** foi candidato derrotado pelo PT de Minas Gerais ao Senado e é considerado pessoa de confiança da presidenta Dilma Rousseff. Nos anos 1970, os dois atuaram no movimento estudantil e depois na luta armada.

No topo da lista citada pelo IG está o pedido do PMDB de duas diretorias no Banco Nacional de **Desenvolvimento** Econômico e Social (**BNDES**). Ao lado de cada uma delas, aparece entre parênteses as siglas CD ou SF. São as iniciais de Câmara dos Deputados e Senado Federal. Segundo a reportagem apurou, cada bancada quer indicar um nome para a respectiva diretoria. O **BNDES** é um banco de fomento vinculado ao **Ministério de Desenvolvimento**. No Banco da **Amazônia**, duas diretorias ficarão na cota 'SF'.

Eduardo Braga

O portal também informou que o senador Eduardo Braga (PMDB), ex-governador do **Amazonas**, que ficou sem cargo na Esplanada dos **Ministérios**, é o indicado do seu partido para ocupar a liderança do governo no Congresso. O nome de Braga consta na lista de indicações do PMDB que o IG informou ter tido acesso. "No papel, é descrito com todas as letras maiúsculas literalmente: "liderança do governo no

Congresso (Eduardo Braga – manter cargo)", informou o portal.

O termo "manter cargo" é uma referência ao posto que pertenceu ao PMDB até o começo do ano passado, quando a senadora Roseana Sarney renunciou para assumir o governo do Maranhão.